

## A CIRCULAÇÃO DE OBRAS DE EXPRESSÃO ALEMÃ NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE DE CATÁLOGOS DE LIVREIROS E DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

### THE CIRCULATION OF GERMAN LANGUAGE BOOKS IN THE 19TH CENTURY RIO DE JANEIRO: AN ANALYSIS OF CATALOGS OF BOOKSELLERS AND PUBLIC LIBRARIES

Larissa de ASSUMPCÃO\*

<https://orcid.org/0000-0003-2449-4458>

**Resumo:** Este texto tem como objetivo trazer um breve panorama sobre as obras de ficção de expressão alemã que circularam no Rio de Janeiro do século XIX, de forma a contribuir para as investigações sobre a História do Livro e sobre a circulação de romances estrangeiros no território brasileiro. Para isso, foram utilizados como fonte os cadernos da infância do imperador Pedro II que fazem parte do acervo do Museu Imperial de Petrópolis, os catálogos da Biblioteca Imperial (1903), da Biblioteca Fluminense (1866) e do Gabinete Português de Leitura (1906) e os catálogos publicados pelos livreiros Eduardo e Henrique Laemmert e por Baptiste-Louis Garnier entre as décadas de 1830 e 1870. A análise é centrada em três pontos principais: o contexto da circulação de impressos entre a Europa e o Brasil no século XIX; a presença de obras de ficção de expressão alemã no catálogo da biblioteca imperial e nos cadernos de Pedro II e as menções a autores e livros de expressão alemã em catálogos dos irmãos Laemmert e de Garnier e de bibliotecas públicas do Rio de Janeiro. Ao final do texto, conclui-se que alguns romances de autores alemães chegaram à capital do império brasileiro – especialmente por meio de traduções feitas a partir do francês – e circularam tanto entre a aristocracia quanto entre o público leitor mais amplo, que poderia entrar em contato com essas obras por meio de livrarias ou do acervo de bibliotecas públicas.

**Palavras-chave:** Literatura de expressão alemã; circulação; romance; século XIX; Brasil.

**Abstract:** This text aims to provide a brief overview of the German-language fiction that circulated in Rio de Janeiro in the 19th century, in order to contribute to the investigations on the History of the Book and on the circulation of foreign novels in the Brazilian territory. For this purpose, the following sources were used: the childhood notebooks of Emperor Pedro II, which are part of the collection of the Imperial Museum of Petrópolis; the catalogs of the Imperial Library (1903), the Fluminense Library (1866) and the Portuguese Reading Cabinet (1906); and the catalogs published by the booksellers Eduardo and Henrique Laemmert and Baptiste-Louis Garnier between the 1830s and 1870s. It is concluded that some books written by German novelists reached the capital of the Brazilian empire – especially through translations from French –, where they circulated among the aristocracy and the broader reading public, who could find them in bookstores or public libraries.

**Keywords:** German-language literature; circulation; novel; 19th century; Brazil.

## Introdução

---

\* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); pós-doutoranda na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP); e-mail: [larissadeassumpcao@gmail.com](mailto:larissadeassumpcao@gmail.com).

Dentro das pesquisas sobre a História do Livro, diversos estudos têm sido realizados com o objetivo de investigar o contexto em que livros foram produzidos, vendidos, traduzidos e recebidos por seus leitores ao longo dos séculos. Esse tipo de pesquisa é capaz de revelar, como explica Roger Chartier (1998, p. 9), que “as obras [...] não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção”. Considera-se, assim, que “toda obra está ancorada nas práticas e nas instituições do mundo social” (Chartier, 1998, p. 9) e que os elementos que fazem parte da sua recepção estão relacionados ao momento em que ela foi produzida, à comunidade de leitores dentro da qual circulou e à sua materialidade.

Pesquisas recentes revelam, ainda, que a comunidade de leitores em meio à qual obras literárias circulavam era – especialmente a partir do final do século XVIII – de caráter transnacional e transatlântico<sup>1</sup>. Isso era possível devido às conexões entre o mercado livreiro de diferentes países, que permitia que as mesmas obras atingissem leitores de diversas partes do mundo ao mesmo tempo, fosse por meio de traduções ou de publicações em língua original. Essa grande circulação de títulos e de edições pode ser verificada por meio de pesquisas em fontes primárias, como catálogos de biblioteca (Assumpção, 2018; Paixão, 2016; Rocha, 2011), correspondências (Assumpção, 2018; Anastácio, 2005), anúncios de jornal (Mançano, 2010; Abreu; Tognolo, 2015) e catálogos de livreiros (Modenez, 2011; Mollier, 2018). Os dados coletados a partir dessas fontes possibilitam a visualização de padrões de circulação que revelam, muitas vezes, aspectos novos sobre a produção e a difusão de autores e livros em um cenário internacional, como já mostraram os trabalhos desenvolvidos por Martyn Lyons (2008) e Franco Moretti (2003; 2005).

No caso do Brasil, estudos recentes revelam que o repertório de leituras disponíveis aos leitores, no século XIX, era “muito mais vasto do que supõe aquele que consulta uma história literária convencional” (Abreu, 2008, p. 15) e que “se, do ponto de vista da produção, há uma diferença de ritmo entre o Brasil e a Europa, do ponto de vista da leitura observa-se uma concomitância entre os interesses dos brasileiros e dos europeus” (Abreu, 2008, p. 15). Esse contexto estava intimamente relacionado à grande circulação de impressos, que permitia que muitos títulos provenientes de países europeus chegassem ao Brasil e passassem a fazer parte do catálogo de bibliotecas públicas e de livreiros, sendo,

---

<sup>1</sup> Sobre esse assunto, conferir, por exemplo: Abreu, 2016a; Augusti, 2010; Abreu, 2008; Rocha, 2011; Mançano, 2010; Bessone, 1999; Abreu et al.; [s. d.]; Granja; De Luca, 2018; Poncioni; Levin, 2018.

por vezes, rapidamente traduzidos para o português e publicados de forma seriada em periódicos (Meyer, 1996; Wyler, 2003).

Um dos gêneros que mais teve destaque na circulação do período foi o romance<sup>2</sup>, que, apesar de ser considerado um gênero inferior por parte da crítica literária do período – especialmente em comparação às leituras das Belas Letras, que tinham o objetivo de “formar um estilo e ampliar a erudição” (Abreu et al., [s. d.], p. 2) e às leituras religiosas, que visavam “aprimorar o espírito e indicar o caminho da virtude e da salvação” (Abreu et al., [s. d.], p. 3) –, foi bastante difundido ao longo do século XIX (Abreu, 2016a). Sua relevância fazia com que seu fluxo de publicação fosse bastante rápido e eficiente. Como exemplo, é possível citar algumas das obras de Alexandre Dumas, que foram disponibilizadas aos leitores brasileiros menos de um ano após a sua publicação original na França (Mendes, 2008). Outros autores, como Alain René Lesage, François de Salignac de la Mothe-Fénélon, Bernadin de Saint-Pierre, Eugène Sue e Victor Hugo, tiveram suas obras anunciadas por mais de 30 anos em periódicos do Rio de Janeiro (Mançano, 2010, p. 71) e também estavam disponíveis para leitura em bibliotecas públicas (Rocha, 2011; Assumpção, 2018; Schapochnik, 1999). O mesmo pode ser dito sobre alguns autores ingleses, como Ann Radcliffe, Benjamin Disraeli, Daniel Defoe, Charles Dickens, Charlotte Brontë, Jane Austen, Maria Edgeworth e Walter Scott, cujas obras eram constantemente anunciadas em jornais, traduzidas e disponibilizadas em bibliotecas públicas ou adquiridas para que compusessem coleções privadas (Vasconcelos, [s.d.]). Muitos desses livros, escritos originalmente em inglês, ganhavam versões em português a partir de traduções francesas, e um processo semelhante foi vivido por muitos romancistas de origem russa, cujas obras chegaram ao Brasil especialmente a partir de traduções vindas da França (Gomide, 2011).

Romances originados no território de língua alemã não foram excluídos desse movimento<sup>3</sup> e também chegavam ao Brasil por meio de edições em língua original ou de traduções feitas diretamente para o português ou a partir do francês. Análises mais detalhadas de catálogos de livreiros e de bibliotecas podem trazer indícios sobre a circulação desses livros em solo brasileiro.

---

<sup>2</sup> No século XIX, a terminologia empregada para designar essas obras era instável, podendo ser referidas como *romance*, *novela*, *conto*, *lenda*, *fábula* ou *história*. (Abreu, 2021). Neste texto, usarei sobretudo os termos *romance*, *narrativa* e *obra de ficção* para referir esse conjunto de obras.

<sup>3</sup> Sobre as relações entre o mercado editorial de língua alemã e o brasileiro, conferir: Xavier, 2016; Xavier, 2021.

### **A circulação de obras de expressão alemã no palácio imperial**

O mercado editorial de expressão alemã era relativamente amplo no século XIX (Gittel, 2021; Jäger; Rudek, 1990; Habitzel; Mühlberger, 2001; Potthast, 2007) e promoveu a publicação de alguns autores de destaque, como Carl Spindler, Caroline Pichler, Carl Franz van der Velde, Karl August Friedrich von Witzleben e August Heinrich Julius Lafontaine, que tiveram grande presença em bibliotecas públicas do período e cujas obras receberam, ao longo dos anos, diversas edições e traduções (Assumpção, 2022; Jäger; Rudek, 1990; Habitzel; Mühlberger, 2001).

A circulação dos romances de alguns desses autores foi tão ampla que fez com que eles ficassem conhecidos fora da região onde foram primeiramente publicados. Muitas de suas obras alcançaram leitores de países localizados do outro lado do Atlântico, como o Brasil, onde foram lidas por meio de traduções ou de edições em língua original. Sua circulação no território brasileiro foi impulsionada, entre outras coisas, pelos movimentos migratórios que se intensificaram ao longo do século XIX. Na primeira metade do século, por exemplo, o casamento da arquiduquesa Leopoldina, membro da dinastia dos Habsburgo, com o imperador Pedro I estimulou a vinda de intelectuais e cientistas austríacos ao país (Kann, 2006, p. 72-75).

A partir desse período, a língua alemã tornou-se mais conhecida dentro do palácio imperial, tendo feito parte, por exemplo, do ensino do imperador Pedro II, que começou a aprendê-la em 1839 com o professor Roque (ou Rochus, na grafia original de seu nome) Schüch, cientista e bibliotecário que estudou na Universidade de Praga e fazia parte dos cientistas que partiram para o Brasil com a arquiduquesa Leopoldina em 1817 (Assumpção, 2023, p. 227-251). Sob o acompanhamento desse mestre, o jovem imperador leu e traduziu diferentes autores de expressão alemã durante os seus anos de estudo. Essas traduções e cópias podem ser consultadas nos cadernos preenchidos durante a infância do monarca, que foram escritos ao longo da década de 1830 e hoje fazem parte do Arquivo da Casa Imperial do Museu Imperial de Petrópolis (Maço 42 – Doc. 1057-C).

Dos mais de 20 cadernos de estudo que Pedro II preencheu ao longo da infância, cinco são dedicados ao aprendizado da língua alemã. Destes, dois foram preenchidos inteiramente com transcrições de oito parábolas moralizantes de autores de expressão alemã. São elas: *Die Morgennebel* e *Die Herbstgegend*, de Caroline Pichler; *Der Igel und der Maulwurf* e *Das Krokodil, der Tiger und der Wandersmann*, de Gottlieb Meißner, e *Das beschützte Lamm, Der Wolf auf dem Todbede, Zeus und das Pferd* e *Der Besitzer des Bogens*, de Gotthold Ephraim Lessing. Os três autores mencionados já eram bastante

conhecidos na Europa no período em que os cadernos foram escritos (Nisbet, 2013; Fürst, 1894; Robertson, 2007), e as oito narrativas mencionadas foram copiadas por Pedro II diretamente do conteúdo original, sem alterações na obra. Esse fato sugere que as fábulas foram utilizadas como conteúdo complementar em aulas de língua alemã, para que o jovem monarca pudesse se acostumar ao estilo e às estruturas utilizadas em textos dessa língua, que posteriormente seriam mobilizados por ele para realizar suas atividades de tradução<sup>4</sup>.

Em seus cadernos dedicados à atividade tradutória, é possível perceber que Pedro II entrou em contato com um número maior de autores. Ao longo de seu caderno, ele traduziu mais de vinte narrativas que faziam parte do livro *Leçons de Littérature Allemande: nouveau choix de morceaux en prose et en vers, extraits des meilleurs auteurs allemands à l'usage des écoles de France et des personnes qui étudient la langue allemande*, publicado em 1825 por um autor que assinava apenas como C.F. Ermeler. No prefácio de sua obra, publicada originalmente em 1825 e reeditada em 1829, Ermeler identificou-se como um professor de Paris que decidiu elaborar uma coletânea para sanar as necessidades das escolas francesas onde o alemão era ensinado (Ermeler, 1829). Sua obra era composta unicamente por extratos de obras ficcionais – em sua maioria, parábolas e fábulas moralizantes – de autores de expressão alemã já reconhecidos no período, como Gotthold Ephraim Lessing, Friedrich Adolf Krummacker, Christoph Martin Wieland, Friedrich de la Motte Fouqué e Johann Gottfried Herder.

Em seus momentos de estudo da língua alemã, Pedro II realizou diversas traduções, em que seguia a mesma estrutura e sequência dessa obra didática<sup>5</sup>. Ao todo, ele traduziu 29 textos, sendo eles: seis parábolas de Johann Gottfried Herder (*Die Rose, Drei Freunde, Nacht und Tag, Die Lilie und die Rose, Der sterbende Schwan e Der Vogelsteller*), 15 de Frederic Adolphus Krummacker (*Der Holunderstab, Die beiden Tonnen, Das Thiergefecht, Hasael, Der Rhein, Das heimathliche Licht, Der Wein, Der Bienenstand, Das Geschenk des Bramen, Der Edelstein, Das Grab, Die Pfirsiche, Die Blumenlese, Das Gebet e Der Born der Genesung*), quatro de August Jakob Liebeskind (*Der hungrige Araber, Der beleidigte Derwisch, Die Wittwe zu Zehra e Hamet und Raschid*), três de

---

<sup>4</sup> Uma análise mais detalhada do aprendizado de alemão pelo imperador pode ser encontrada em: Assumpção, 2023.

<sup>5</sup> Para uma análise mais detalhada da utilização dessa obra nas aulas de alemão do imperador, ver: Assumpção, 2023.

August von Kotzebue (*Abdallah, Almansur e Spaziergang des arabischen Philosophen Al-Raschid*) e um de Gottlieb Konrad Pfeffel (*Die verlorene Ziege*).

A presença de uma quantidade tão numerosa de autores de expressão alemã dentro dos cadernos do imperador é um indício de que a sua leitura era vista de forma positiva dentro do palácio imperial, provavelmente por estar associada ao aprendizado da língua e ao contato com narrativas moralizantes “extraídas dos principais clássicos alemães” (Ermeler, 1829, “Avertissement”), que pudessem ajudar na formação do caráter do jovem monarca. Esse uso da literatura alemã na educação do herdeiro do trono parece ter feito, assim, com que ela circulasse entre a aristocracia brasileira e talvez tenha colaborado para a sua presença de destaque no acervo da Biblioteca Imperial.

Essa biblioteca, que era compartilhada por todos os moradores do Palácio de São Cristóvão, moradia oficial da família imperial no Rio de Janeiro, começou a ser formada a partir da vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil, em 1808. Grande parte do seu acervo faz parte, atualmente, da Coleção Teresa Cristina da Fundação Biblioteca Nacional<sup>6</sup>, que é composta por 24.270 livros (Dantas, 2007, p. 156), pertencentes a gêneros literários diversos – há, no acervo, diversas obras historiográficas e filosóficas, livros de poemas, monografias científicas, relatos de viagens e também obras de prosa de ficção. Do total do acervo, apenas 2,7% (665 títulos) podem ser enquadrados nesse último gênero. Essa parcela, embora não seja muito expressiva do ponto de vista numérico, é capaz de revelar indícios sobre os romances que circularam entre os membros da nobreza brasileira<sup>7</sup>.

A maior parte dos livros de ficção (397 edições, correspondentes a cerca de 60% do total de obras de ficção) foi escrita em francês, o que vai ao encontro do fato de que essa era a língua franca das elites internacionais e de que a França era um grande centro editorial, de onde partiam muitas das edições de romances que circulavam no mercado internacional do período (Casanova, 2002). O francês é seguido pelo alemão, que é a segunda língua de maior destaque na coleção, na qual foram publicados 84 livros – 13% do total. A ele se seguem o italiano (10%), o inglês (7%), o português (7%) e o espanhol

---

<sup>6</sup> A Coleção Teresa Cristina é formada por mais de 24 mil livros e por outros objetos pessoais que foram doados por Pedro II a instituições brasileiras – entre as quais estavam o Museu Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Fundação Biblioteca Nacional – em 1891, quando, após a Proclamação da República, ele escreveu uma carta ao procurador José da Silva Costa para definir o destino de alguns de seus pertences que haviam ficado no Brasil. Ver: *Actas das sessões* de 1891, 1891, p. 223.

<sup>7</sup> Para uma análise mais detalhada do catálogo da biblioteca do imperador, ver: Assumpção, 2018; Assumpção; Abreu, 2023.

(4%)<sup>8</sup>. Essas porcentagens, além de mostrarem a diversidade do acervo que pertencia à Família Imperial, também representam indícios da circulação transatlântica de impressos existente ao longo do século XIX, que permitia que uma biblioteca fosse composta majoritariamente por obras editadas em línguas diferentes do português – língua oficial no país em que a coleção foi formada. Não é possível deixar de notar que essa família contava com facilidades que não estavam disponíveis ao restante da população brasileira, como a ampla educação, que contemplava o ensino de diferentes línguas, o contato com a literatura estrangeira desde muito cedo (Assumpção, 2023), e a existência de correspondentes localizados na Europa, que eram responsáveis por enviar a Pedro II exemplares de todas as obras importantes que fossem publicadas no mercado editorial do velho continente (Campos, 1862). Ainda assim, esses dados indicam a relevância de algumas línguas – como o alemão – no cenário internacional do período e são capazes de revelar as relações que o mercado livreiro brasileiro estabelecia com locais do outro lado do Atlântico.

Apesar da predominância do francês entre as línguas de edição, o autor que mais se destaca nessa coleção é de expressão alemã: Carl Franz van der Velde ocupa o primeiro lugar no acervo, com 23 edições de seus romances, publicadas entre 1819 e 1826. Apesar de ter obtido pouco destaque nas Histórias da Literatura Alemã, esse autor, nascido na região de Breslau, fez bastante sucesso com seus romances históricos (Habitzel; Mühlberger, 1996; Assumpção, 2022). Seus 20 romances receberam mais de 700 edições até o final do século XIX, entre as quais encontravam-se algumas versões para outras línguas, como o francês – em que foram publicadas 40 traduções de seus romances –, o holandês (13), o espanhol, (19), o polonês (7), o sueco (6), o inglês (4) e o português (3)<sup>9</sup>. Na biblioteca imperial, todas as edições de sua autoria estão na língua original alemã<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Em números absolutos, o acervo conserva 70 títulos em italiano, 47 em inglês e 44 em português.

<sup>9</sup> Dados mais detalhados sobre a circulação das obras de van der Velde podem ser encontrados em: Assumpção, 2022.

<sup>10</sup> São elas: *Asmund Thyrsklingson: eine Erzählung aus dem letzten Fünftheil des siebzehnten Jahrhunderts* (edição de 1819); *Erzstufen* (1819); *Die Trude Hiorba: ein Märchen* (1819); *Die Tartarenschlacht: eine Erzählung aus dem Jahre 1241* (1819); *Prinz Friedrich: eine Erzählung aus der ersten Hälfte des achtzehnten Jahrhunderts* (edições de 1820 e 1824); *Die Eroberung von Mexico: ein historisch-romantisches Gemälde aus dem ersten Viertel des sechzehnten Jahrhunderts* (1821); *Die Lichtensteiner: eine Erzählung aus den Zeiten des dreißigjährigen Krieges* (1822); *Die Lichtensteiner: eine Erzählung aus den Zeiten des dreißigjährigen Krieges* (1822 e 1825); *Die Wiedertäufer: eine Erzählung aus der ersten Hälfte des sechzehnten Jahrhunderts* (edições de 1822 e 1825); *Der Maltheser: eine Erzählung aus der letzten Hälfte des siebzehnten Jahrhunderts* (1822 e 1825); *Die Patrizier: eine Erzählung aus dem letzten Drittel des sechzehnten Jahrhunderts, nach alten Urkunden* (1823); *Guido* (1823); *Arwed Gyllenstierna: eine Erzählung aus dem Anfange des achtzehnten Jahrhunderts* (edições de 1823 e 1826); *Christine und ihr Hof: eine Erzählung aus der letzten Hälfte des siebzehnten Jahrhunderts* (1824); *Das Liebhaber-Theater: Humoreske aus dem ersten Zehntel des neunzehnten Jahrhunderts* (1824); *Der*

Ao lado dele, encontra-se Caroline Pichler, mulher de maior destaque no acervo, que aparece com cinco de seus romances e uma edição de suas obras completas (*Sämtliche Werke*) em alemão. Pichler nasceu em Viena em 1769 e, por ser originária de uma família que tinha uma posição importante na corte austríaca, viveu sempre em meio a intelectuais, literatos e artistas do período (Jordan, 2001). A partir de 1800, ela publicou vários livros de parábolas e diversos outros trabalhos teatrais e literários que, ao final da sua vida, compuseram mais de 60 volumes (Robertson, 2007, p. 34-48). Pichler escreveu sobretudo romances históricos, nos quais utilizou como pano de fundo o passado da Áustria, e seus livros – sobretudo *Leonore, ein Gemälde aus der großen Welt* e *Agathokles* – fizeram bastante sucesso e receberam dezenas de edições e de traduções<sup>11</sup>. Na biblioteca imperial, há, além de suas obras completas, publicadas em alemão entre 1813 e 1816, também duas edições de suas narrativas (*Kleine Erzählungen*) e os títulos *Die Grafen von Hohenberg, Eduard und Malvina* e *Leonore*, igualmente publicados entre 1813 e 1816. O acervo conta ainda com *Coralie ou le danger de l'exaltation chez les femmes*, tradução francesa do romance *Frauenwürde* publicada em Paris no ano de 1820.

Há, ainda, outros autores de expressão alemã na biblioteca imperial: Christoph Martin Wieland aparece com uma edição de suas obras completas, publicada entre 1795 e 1795, e o acervo também contempla títulos de Karl von Prenzlau (*Modernes Heiraten, Geheimsecretair Mollig's Brautfahrt* e *Bombardier Walz*, todos em edições não datadas); Sophie von la Roche (com seus *Moralische Erzählungen*, publicados em 1799 e 1823), Johann Wolfgang von Goethe (com uma edição de 1837 de *Reise der Söhne Megaprazons*), Christoph von Schmid (com *Die Ostereier*) e Friedrich August Schulze (com *Gepensterbuch* e *Wunderbuch*, publicados em 1811 e 1815, respectivamente). Todas essas edições estão na língua original alemã, o que pode sugerir, mais uma vez, que membros da família imperial, como a imperatriz austríaca Leopoldina ou algum de seus filhos, conseguissem ler nessa língua ou tivessem interesse por esse tipo de literatura – ainda que a presença desses títulos na biblioteca não permita supor que eles tenham sido

---

*böhmische Mägdekrieg: ein Nachtstück aus dem zweiten Viertel des achten Jahrhunderts* (1824); *Das Horoskop: eine Erzählung aus der Zeit der innern Kriege Frankreichs. Nach einer wahren Begebenheit aus der Gottfried'schen Chronik* (1825); *Die Gesandtschaftsreise nach China: eine Erzählung aus der letzten Hälfte des achtzehnten Jahrhunderts* (1825).

<sup>11</sup> Uma busca por menções a essa autora em catálogos de bibliotecas do mundo todo disponíveis online na plataforma *Worldcat* indica que suas obras receberam mais de 600 edições entre 1800 e 1900. Busca disponível em: <https://www.worldcat.org/pt/search?q=Caroline+Pichler&author=Pichler%2C+Caroline%7CPichler%2C+Karoline%7CPichler-Von+Greiner%2C+Karoline&datePublished=1800-1900>. Acesso em: 20 jul. 2023.

lidos por seus proprietários, pois eles podem ter sido fruto de doações, presentes ou podem ter sido adquiridos meramente para aumentar o acervo da coleção. Ainda assim, esses dados revelam indícios sobre obras escritas originalmente em alemão que circularam na corte do Brasil oitocentista e sobre a relação entre o mercado livreiro europeu e o Brasil.

As conexões existentes nesse mercado livreiro permitiram que alguns livros de expressão alemã estivessem presentes na biblioteca por meio de traduções para outras línguas, como é o caso das narrativas de August Lafontaine, autor presente na biblioteca com os títulos *Welf-Budo ou les aeronautes* (tradução para o francês de *Tinchen oder die Männerprobe*, publicada em Paris entre 1817 e 1818), *Les invisibles ou les ruines du château des bois* (tradução de *Die Unsichtbaren oder die Abentheuer in den Ruinen von St. Elmo*, publicada em Paris em 1820), *Le hussard ou la famille de Falkenstein* (tradução de *Wenzel Falk und seine Familie*, feita por Élise Voïart e presente em edição de 1822) e a antologia francesa *Contes e Nouvelles de August Lafontaine*, publicada em Paris em 1818. A biblioteca conta, também, com duas antologias francesas das obras de E. T. A. Hoffmann: *Contes Nocturnes*, em edição não datada, e *Contes Posthumes d'Hoffmann*, editada em Paris em 1856. Esses dados mostram como, em alguns casos, obras eram adquiridas em línguas que não correspondiam à língua oficial do país para onde foram enviadas ou à sua língua original de publicação, o que demonstra as conexões entre os países envolvidos na circulação transatlântica dos impressos no século XIX.

### **A presença de obras de expressão alemã em catálogos de livreiros e de bibliotecas públicas do Rio de Janeiro**

A circulação de obras escritas originalmente em língua alemã não estava restrita aos meios frequentados por membros da aristocracia. No século XIX, houve uma grande onda de imigração dos países de língua alemã para o território brasileiro. Esse movimento trouxe milhares de famílias e profissionais para o país e impulsionou a importação de obras literárias e a publicação de centenas de jornais em língua alemã, cujos temas dialogam com os debates políticos e culturais do período<sup>12</sup>. Ao longo do século, os avanços científicos que eram disseminados em alemão também passaram a ser admirados na corte do Rio de Janeiro e, por esse motivo, essa língua passou a fazer parte do currículo

---

<sup>12</sup> Entre 1836 e 1941, mais de 600 periódicos em língua alemã foram publicados no Brasil. Sobre o assunto, ver: Soethe, 2018.

de algumas escolas públicas da corte. A decisão de incluí-la no Colégio Pedro II foi citada no *Relatório da Repartição dos Negócios do Império* de 1840, no qual é possível ler:

todos tem noticia do grande desenvolvimento da Litteratura, e das Sciencias, em o Norte da Europa; mas rarissimas pessoas entre nós se podem aproveitar dos progressos do espirito humano naquella importante parte do Mundo, por falta do conhecimento principalmente da Lingua Allemã, da qual não existe huma só Aula em todo o Imperio. Julgou o Governo que fazia hum serviço importante á mocidade Brasileira, estabelecendo huma Aula d'aquella Lingua no Collegio de Pedro Segundo (...). He de esperar que a nossa juventude se aproveite com entusiasmo deste meio, que o Governo lhe tem proporcionado para entrar em hum novo mundo de conhecimentos, que, se não he por ella ignorado, pode-se com tudo dizer que lhe he inteiramente desconhecido (*Relatório apresentado à Assembleia Geral Legislativa*, 1840).

Esse estabelecimento, fundado na década de 1830 com o objetivo de funcionar como uma instituição de alto padrão e de servir como modelo para outros colégios do período (Rodrigues, 2010, p. 1-3), era pago e frequentado sobretudo pelos filhos das classes mais abastadas da sociedade brasileira, como fazendeiros, funcionários públicos e negociantes (Rodrigues, 2010, p. 55). Seu curso completo durava oito anos e tinha como objetivo formar bacharéis em Letras que se tornariam cidadãos ativos do Império, atuando como futuros funcionários administrativos e membros do governo imperial (Rodrigues, 2010, p. 3). Ainda que ele atingisse uma parcela tão pequena dos habitantes da corte, o fato de servir como modelo para outros estabelecimentos e de promover o ensino de alemão colaborou para o aumento de pessoas que passaram a estudar essa língua no Rio de Janeiro, o que, por sua vez, favoreceu o oferecimento de obras didáticas e ficcionais em língua alemã em livrarias e bibliotecas da cidade.

#### *A presença de obras ficcionais de expressão alemã em catálogos de livreiros*

O estudo da língua alemã em escolas públicas da corte estimulou a ação de livreiros que trabalhavam com a importação de obras ficcionais. Esse é o caso de Eduardo e Henrique Laemmert, irmãos nascidos na região de Baden que vieram ao Brasil entre os anos de 1820 e 1830, onde passaram a dirigir juntos a Livraria Laemmert e a Tipografia Universal, dedicada à impressão e encadernação de obras. Além de trabalharem com a venda livros, que eram trazidos da Europa ou impressos no Brasil, eles foram responsáveis por periódicos e publicações importantes, como as *Folhinhas Laemmert*, o *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, o *Correio de Modas* e o *Novo Correio de Modas*. Em seus catálogos, havia normalmente a presença de obras de expressão alemã, fossem elas edições em língua original ou fruto de traduções.

Em 1839 – mesmo ano da inclusão da disciplina de alemão no Colégio Pedro II e do início do estudo dessa língua pelo imperador –, eles anunciaram a venda do livro *Leçons de Littérature Allemande*, escrito C. F. Ermeler e já mencionado neste texto, pois foi a base dos estudos de alemão de Pedro II. Após sua primeira publicação, em 1825, esse livro ganhou edições em diferentes países<sup>13</sup> e, na década de 1830, chegou ao Brasil, onde sua venda foi anunciada pela livraria dos irmãos Laemmert. O anúncio, publicado em março de 1839 no *Jornal do Commercio*, era dedicado às pessoas que procuravam “os livros necessarios para o estudo da lingua allemã, agora tão cultivada na Europa e ensinada em todos os lyceos e collegios da França, para pôr a mocidade estudiosa em estado de ler em original os thesouros litterarios, hoje dignamente apreciados, daquela lingua” (*Jornal do Commercio*, 1839). Além da obra de Ermeler, foram anunciados os títulos *Nouveau dictionnaire de poche français et allemand*, de um autor identificado como M. Zay, *Le Nouveau guide de la conversation en allemand*, de Düsberg, e *Collection de modèles de l'écriture allemande*, sem informações de autoria.

Além de venderem esse tipo de publicação, voltada ao ensino de alemão, os irmãos Laemmert parecem ter realizado certo esforço para tornar as obras de expressão alemã mais conhecidas pelo público leitor brasileiro. Entre 1839 e 1840, sua tipografia foi responsável pela publicação do *Correio das modas: jornal crítico, literário, das modas, bailes, teatros etc.* e, entre 1852 e 1854, pelo *Novo correio de modas: novelas, poesias viagens, recordações históricas, anedotas e charadas*. Ambos pretendiam atingir o público feminino por meio de conteúdos sobre figurino, poesias, viagens, recordações históricas e narrativas ficcionais<sup>14</sup>. Entre os textos publicados por eles, estavam pequenas narrativas, contos ou novelas de autores estrangeiros – sobretudo de origem inglesa, francesa e alemã. Entre esses últimos, encontravam-se nomes como Emanuel von Geibel, Heinrich Heine, Joseph Christian Freiherr von Zedlitz, E. T. A. Hoffmann e Carl Franz van der Velde. Os textos, normalmente traduzidos diretamente do alemão por seus colaboradores, eram comumente acompanhados por prefácios ou pequenas críticas que discutiam a importância da literatura de língua alemã e a necessidade de torná-la conhecida no Brasil. Um texto publicado em 1853 sobre o Barão de Zedlitz, por exemplo, traz as seguintes afirmações:

---

<sup>13</sup> Em 1844, por exemplo, a obra de Ermeler foi adaptada para o uso de escolas inglesas sob título de *Ermeler's Deutsches Lesebuch enlarged and improved, by the addition of explanatory notes, adapted to the use of English Students*. Ver: Heimann, 1844.

<sup>14</sup> Para uma análise mais detalhada do conteúdo desses dois periódicos, ver: Donegá, 2013.

É quase proverbial entre todas as nações cultas a riqueza dessa língua, que tem servido de instrumento civilizador aos mais profundos homens da ciência, como às mais ardentes imaginações dos poetas. Os nomes de Leibnitz, de Kant, Lessing, Klopstock, Schiller, Goethe e Humboldt são demasiadamente conhecidos para que o invoquemos em testemunho desta verdade. Infelizmente porém a dificuldade excessiva deste idioma e as poucas conexões que existem entre ele e os derivados da língua latina tornam pouco acessíveis aos outros povos as ricas preciosidades de seus magníficos tesouros. (...) Na verdade, a musa da Alemanha, nobre e casta, apresenta um caráter de alta simplicidade, de original beleza, que contrasta singularmente, com especialidade na sua mais bela forma, a lírica, com as produções deste gênero que nas outras línguas acusam os sectários da moderna escola francesa (*Novo correio de modas*, 1853, p. 45).

A mesma valorização da literatura alemã, colocada em oposição àquela publicada pela França e que circulava de forma mais ampla no Brasil, aparece no prefácio de *O Flibusteiro ou o Pirata das Antilhas*, tradução de *Der Flibustier: eine Erzählung aus dem letzten Drittel des siebzehnten Jahrhunderts*, de Carl Franz van der Velde, publicada no *Novo Correio de Modas* em 1852. Nele, seus autores afirmam que desejavam dar uma prova aos benévolos leitores do quanto gostariam de agradar-lhes ao publicar a tradução de “um dos melhores romances cujo autor soube granjear na Alemanha uma reputação extraordinária por suas publicações beletrísticas” (*Novo correio de modas*, 1852, p. 10), nas quais era possível recuperar “os sentimentos mais nobres de um coração humano, distinguindo-se por isso de tantos autores franceses de novelas que, ao passo de divertirem os leitores, propinam muitas vezes um veneno destruidor da boa moral” (*Novo correio de modas*, 1852, p. 10).

Além de divulgar as obras desses autores como uma boa alternativa às publicações francesas – especialmente entre o público feminino, ao qual leituras moralizantes eram mais comumente associadas (Abreu et al., [s. d.], p. 3) –, os irmãos Laemmert realizaram, ao longo dos anos, a venda de livros de origem alemã em seu estabelecimento. Nos catálogos publicados por eles entre 1834 e 1868, é possível encontrar sobretudo traduções dessas obras para o português. Alguns exemplos são os títulos *Aventuras pasmosas do célebre barão de Munkausen* (tradução não datada de *Baron Münchhausen*), de Rudolf Erich Raspe; *Amorosas paixões do jovem Werther* (*Die Leiden des jungen Werthers*), de Johann Wolfgang von Goethe, publicada em 1843<sup>15</sup>; *Amélia ou o segredo de ser feliz* (feita a partir do romance *Amalia Horst oder das Geheimnis, glücklich zu werden*) e *Amor*

<sup>15</sup> Traduções encontradas no *Catalogo dos livros em portuguez publicados e à venda na Livraria Universal dos editores-proprietarios Eduardo e Henrique Laemmert*, publicado no Rio de Janeiro em 1847.

e probidade (*Liebe und Redlichkeit auf der Probe*), ambas de August Lafontaine<sup>16</sup>; *O amigo dos meninos contando-lhes histórias morais, próprias para despertar neles o desejo da instrução e o gosto da Leitura* (tradução não datada de *Der deutsche Kinderfreund, ein Lesebuch für Volksschulen*), de Friedrich Philipp Wilmsen, e *A embaixada em China (Die Gesandtschaftsreise nach China: eine Erzählung aus der letzten Hälfte des achtzehnten Jahrhunderts)*, tradução do romance de van der Velde, publicada em Lisboa em 1837<sup>17</sup>.

Essas obras de expressão alemã não eram as mais presentes dentro dos catálogos, majoritariamente compostos por narrativas escritas originalmente em francês, português ou inglês<sup>18</sup>. Ainda assim, parece ter havido um esforço por parte dos Laemmert para oferecer ao público ao menos alguns exemplos dessa literatura que, para eles, era superior à francesa e poderia agradar ao público brasileiro. Os Laemmert também ofereciam aos seus leitores algumas dessas obras em sua língua original, como é o caso das que foram listadas em um anúncio publicado no *Jornal do Commercio* em novembro de 1840, que trazia o seguinte texto: “a livraria de E. e H. Laemmert tem a honra de participar aos amantes da literatura alemã que acaba de chegar um belo sortimento de obras clássicas e outros muitos livros em alemão” (*Jornal do Commercio*, 1840, p. 3). Entre os títulos mencionados por eles, estão as obras completas de Goethe, Theodor Körner, Christoph Martin Wieland, Wilhelm Hauff e Caroline Pichler.

A diversidade de títulos sugere que os irmãos Laemmert buscavam vender obras que atingissem diferentes parcelas do público leitor – havia, em seus catálogos e anúncios, livros para o aprendizado de alemão, narrativas moralizantes para crianças, bem como romances, poemas e obras completas de autores que já obtinham sucesso no território alemão. Sua insistência em mencionar o valor dessas publicações parece ter também o

---

<sup>16</sup> As traduções de Lafontaine foram mencionadas no *Catálogo n. 7 das obras de literatura, novelas, romances, historietas, comédias, dramas, livros de divertimento e recreio das sociedades e outras obras de entretenimento em português à venda na Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert*, publicado em 1868 no Rio de Janeiro.

<sup>17</sup> As obras de van der Velde e de Wilmsen foram encontradas no *Catálogo de excellentes livros em português a maior parte desconhecidos no Brasil e novamente checados em casa de Eduardo Laemmert mercador de livros*, publicado em 1834.

<sup>18</sup> No *Catálogo dos livros em português publicados e à venda na Livraria Universal dos editores-proprietários Eduardo e Henrique Laemmert* (1847), a literatura de origem alemã representa 8% do total, enquanto a de origem francesa e italiana são responsáveis por 16% e a de língua portuguesa por 45%. No *Catálogo n. 7* (1868), a divisão entre as línguas de maior destaque é: francês (45%), português (21%), inglês (12%) e alemão (5%). No *Catálogo de excellentes livros em português*, um padrão semelhante é repetido: francês (73%), inglês (10%), alemão (5%); português (3%). Nota-se, nesse último caso, que há mais obras escritas originalmente em língua alemã do que portuguesa, talvez porque a proposta do catálogo fosse a de mencionar títulos desconhecidos no Brasil.

intuito de explicar aos leitores os motivos que tornavam essa literatura interessante, mesmo em um contexto de grande circulação da ficção francesa.

Outros livreiros localizados no Rio de Janeiro também incluíram, em seus catálogos, livros publicados originalmente em alemão. Entre eles está Baptiste-Louis Garnier, membro de uma família de célebres livreiros-editores. Após ter chegado ao Brasil, na década de 1840, ele tornou-se editor de vários escritores brasileiros de renome, como José de Alencar e Machado de Assis, além de ter sido livreiro oficial do imperador Pedro II e de ter composto catálogos extensos, em que foram listadas obras em diferentes línguas que eram trazidas do exterior e vendidas em sua loja no Rio de Janeiro (Granja, 2018). Alguns de seus catálogos, publicados entre as décadas de 1850 e 1880, são fontes de indícios sobre as obras estrangeiras que circularam no Brasil do século XIX e que estavam disponíveis aos leitores cariocas da corte<sup>19</sup>.

Nessas publicações, é possível encontrar menções aos mesmos escritores que eram divulgados pelos Laemmert, ainda que não de forma predominante<sup>20</sup>. Garnier também vendeu, por exemplo, obras de August Lafontaine, como *Welf-Budo ou os aeronautas* – tradução de *Tinchen oder die Männerprobe*, provavelmente feita a partir da versão francesa de Élise Voïart, intitulada *Welf-Budo ou les aéronautes*. Em seu catálogo de 1873, ele também inseriu *O amigo dos meninos* (*Der deutsche Kinderfreund, ein Lesebuch für Volksschulen*), de Wilmsen, e uma tradução do romance *Falkenberg*, de Caroline Pichler, intitulada *Falkenberg ou o tio* e feita a partir da tradução francesa de Isabelle de Montolieu, publicada em Paris em 1812, sob o título *Falkenberg ou l' oncle*. A versão em português, que veio à luz em Lisboa no ano de 1844, já estava presente na *Folhinha de utilidade pública para o anno de 1849*, publicada pelos irmãos Laemmert (*Folhinha de utilidade pública para o anno de 1849*, 1849), o que sugere que os dois livreiros tinham acesso aos mesmos títulos e traduções que chegavam ao Rio de Janeiro vindos do exterior.

Garnier, como os Laemmert, incluiu em alguns de seus catálogos obras na língua original alemã. Em 1857 e 1872, três delas foram mencionadas: *Die Götter im Exil*, de Heinrich Heine, *Jud Süß*, de Wilhelm Hauff e *Menschenhass und Reue*, de August von

---

<sup>19</sup> Os catálogos de Garnier utilizados como fonte para esta análise foram: *Catálogo da livraria de B. L. Garnier, n. 1*. Rio de Janeiro: 1872. *Catálogo da livraria de B. L. Garnier, n. 2*. Rio de Janeiro: Typographia do Apóstolo, 1873. *Catálogo da livraria de B. L. Garnier, n. 23*. Rio de Janeiro: [s.d.]. *Catalogue de la librairie de B.L. Garnier à Rio de Janeiro, n. 10*. Rio de Janeiro: 1857. Muitas obras listadas no catálogo não têm informações sobre a sua data de publicação. Em todas as ocasiões em que essas informações estiveram presentes, elas foram mencionadas no texto.

<sup>20</sup> Apenas 1% dos mais de 1.700 livros citados nos catálogos foram escritos originalmente em alemão.

Kotzebue. Há também obras disponibilizadas somente em suas versões francesas, como os *Contes Posthumes d'Hoffmann* e uma edição de *Contes Bizarres*, de Achim von Arnim.

Não faltam, ainda, livros destinados aos jovens leitores. Há, nos catálogos, uma edição em alemão de *Baron Münchhausen*, de Rudolf Erich Raspe, e uma de suas traduções para o português, intitulada *Aventuras pasmosas do célebre barão de Munkhausen* – a mesma presente nos catálogos dos Laemmert. Constam ainda, na listagem, seis traduções de livros de Christoph von Schmid: *Contos do Cônego Schmid* (tradução de *Lehrreiche kleine Erzählungen für Kinder*, publicada em 1879), *A cabana irlandesa* (tradução de *Die irische Hütte*), *Inez ou a pequena tocadora de alaúde* (*Die kleine Lautenspielerin*), *Collecção de contos próprios para as crianças lerem* (*Erzählungen für Kinder und Kinderfreunde*), *Eustachio* (*Eustachius: eine Geschichte der christlichen Vorzeit*), *O menino perdido* (*Das verlorene Kind*). O catálogo conta com mais duas obras de autoria desconhecida e cujas versões francesas foram atribuídas erroneamente a Schmid: *A jovem Stephania* (tradução de uma obra intitulada *Le jeune Stephanie*) e *A senhora de preto* (tradução da narrativa *La dame noire*).

É possível que a existência de algumas dessas obras no catálogo de Garnier esteja relacionada à demanda dos alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro do período. Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman, 652 exemplares dos *Contos de Schmid*, por exemplo, foram adquiridos pelo governo do Rio de Janeiro na década de 1860, em meio a uma “substancial compra de livros infantis, cartilhas e compêndios” (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 166) que deveriam ser inseridos nas salas de aula da província carioca. O livro também foi mencionado por Raul Pompeia em *O Ateneu*, em um capítulo em que o personagem principal, Sérgio, explica sua admiração pelas obras de Júlio Verne e descreve a biblioteca formada durante seus primeiros anos de estudo: “possuía minha literatura completa de *Tesouros de meninos*, *Contos de Schmid*, visitara uma por uma no meu burrinho as feiras da sabedoria de Simão de Nântua” (Pompeia, 1996, p. 84). Na continuação desse trecho, ele menciona também a obra de Raspe, ao escrever: “estudara profundamente pelas aventuras de Gulliver as vacilações da vida (...); chegara à perfeição de duvidar das empresas de Münchhausen” (Pompeia, 1996, p. 84). Ao fazer tais afirmações, o narrador de Pompeia coloca lado a lado obras de origem francesa e inglesa – como as de Júlio Verne e de Jonathan Swift – e aquelas escritas originalmente em alemão. Essas últimas também circulavam no Rio de Janeiro do período e poderiam ser lidas por jovens que aprendiam a língua nas escolas ou que consumiam exemplares dessa literatura considerada, em alguns contextos, como tendo as qualidades morais que eram

valorizadas pela crítica do período, principalmente quando o público leitor era formado por jovens ou por pessoas do sexo feminino (Abreu, 2016b).

*A presença de obras ficcionais de expressão alemã em catálogos de bibliotecas públicas*

Esses livros, além de estarem disponíveis para compra em livrarias cariocas, também faziam parte do catálogo de algumas bibliotecas abertas ao público, o que permitia que se difundissem um pouco mais na sociedade. Esse é o caso da coleção de livros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que era constantemente incrementada por doações. Entre 1847 e 1848, os irmãos Laemmert ofertaram a essa biblioteca 78 volumes, que contemplavam obras de língua portuguesa – como *Parnaso brasileiro*, de Pereira da Silva, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões e *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga –, francesa – como *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre – e de expressão alemã, como *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe e *Aventuras pasmosas de Munkausen*, de Raspe (Lajolo; Zilberman, 2019, p. 151).

Outras coleções, como a da Biblioteca Fluminense, também abarcavam uma diversidade grande de livros. Esse estabelecimento, fundado em 1847, era aberto ao público e destinado a todos dispostos a pagar sua subscrição anual de 12\$. Seu objetivo principal, destacado em seus estatutos, era o de estabelecer na cidade do Rio de Janeiro uma biblioteca que servisse para “a leitura e a instrução de seus membros” (*Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense*, 1866, p. 309), o que era feito por meio do empréstimo de livros, que permitia aos acionistas e assinantes “levar para ler as obras que existem na biblioteca” (*Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense*, 1866, p. 310).

O estabelecimento teve um crescimento rápido e, em 1866, foi publicado o *Catálogo de Livros da Biblioteca Fluminense*, que listava 4.449 títulos que faziam parte de seu acervo. Desses, 1.192 faziam parte da seção Ficções em Prosa (Romances, Contos e Novelas) e a maior parte das edições havia sido publicada em português (710, que correspondem a 53% do total) ou francês (537 obras ou 40,8% do total). A maior parcela dessas obras, porém, era fruto de traduções. Do total de romances editados em português, por exemplo, apenas 85 (12%) foram escritos originalmente nessa língua. Dos 625 restantes, 461 (74%) eram franceses, 71 (15%) ingleses, 35 (6%) de origem alemã, 13 (3%) espanhóis e nove (2%) italianos. Embora a quantidade de livros de origem francesa seja muito superior às demais, é interessante notar que o alemão é a língua de partida de mais obras do que o espanhol e o italiano, que têm maior semelhança com o português e

eram também a língua de muitos imigrantes que chegaram ao Brasil ao longo do século XIX.

Entre os autores de expressão alemã de maior destaque no acervo estão August Lafontaine, com 12 obras, Heinrich Zschokke, com cinco, e Christoph Martin Wieland, Carl Franz van der Velde e Christoph von Schmid, com duas obras cada um. As obras de Schmid presentes na coleção são diferentes daquelas mencionadas nos catálogos de Laemmert e de Garnier: há uma tradução não datada de *Das hölzerne Kreuz*, intitulada *A cruz de madeira*, e uma de *Der Rosenstock*, cujo título é *A roseira* e que foi publicada em Lisboa no ano de 1847. De Wieland, consta *O Tonel de Diógenes*, tradução de *Nachlaß des Diogenes*, publicada em Lisboa em 1842, e *Aventuras maravilhosas do incomparável cavaleiro Huol Príncipe de Aquitânia* (tradução em prosa de *Oberon: ein Gedicht in vierzehn Gesängen*). Van der Velde aparece com *A Embaixada à China*, na mesma edição de 1837 presente no catálogo da Livraria Laemmert, e com *Theodoro: romance histórico*, tradução de *Prinz Friedrich* que havia sido publicada em Lisboa no ano de 1847.

Os cinco romances de Zschokke estão em português e foram publicados entre 1841 e 1843; são eles: duas edições de *A noite de São Silvestre* (tradução de *Das Abenteuer der Neujahrsnacht*), duas edições de *Colas: conto suíço* (tradução de *Rückwirkungen, oder wer regiert denn?*) e uma tradução de *Der Pascha von Buda*, intitulada *O pacha de Buda*. De Lafontaine, aparecem diversas traduções publicadas entre 1804 e 1847. Duas delas, *Amélia ou o segredo de ser feliz* e *Amor e proibidade*, já apareceram no catálogo dos Laemmert, e o acervo conta também com os títulos *O homem singular (Der Sonderling)*, *Maria Menzikoff e Fedor d'Olgorouski: história russiana (Fedor und Marie)*, *Os dois amigos ou a casa misteriosa (Die beiden Freunde)*, *O sueco ou a predestinação (Das heimliche Gericht des Schicksals oder Rosaura<sup>21</sup>)*, *O órfão de Westphalia (Natur und Kunst oder Täuschungen des Lebens<sup>22</sup>)*, *Leônia ou os disfarces* e *As duas desposadas*

---

<sup>21</sup> Tradução provavelmente baseada na imitação francesa de Elisa Voïart, intitulada *Le suédois ou la prédestination* e publicada em 1819.

<sup>22</sup> Tradução possivelmente feita a partir da tradução francesa publicada em 1821 por Jean-Pierre Duperche, intitulada *L'Orphelin de la Westphalie*.

(ambas traduções do romance *Die Wege des Schicksals*<sup>23</sup>), *A fidalga e o aldeão* (*Aus Scherz wird Ernst*<sup>24</sup>) e *Amélia ou a Herança Inesperada* (*Heinrich und Amalia*<sup>25</sup>).

O exemplo de Lafontaine é um bom indício da importância que a França tinha como mediadora de traduções de obras de ficção escritas originalmente em alemão. Quase todos os romances desse e de outros autores presentes nos catálogos foram vertidos para o português a partir da versão francesa, como acontecia com grande parte das obras de origem inglesa, que muitas vezes chegavam ao Brasil via Paris, mostrando que a França, além de oferecer seus bens culturais, exercia um papel preponderante como mediadora entre o império brasileiro e países europeus (Vasconcelos, 2002). No caso do território de língua alemã, o mesmo padrão repetia-se, fazendo com que chegassem ao Brasil, na maior parte dos casos, uma grande quantidade de obras traduzidas a partir da versão francesa e importadas de Lisboa.

O mesmo padrão é repetido em outras bibliotecas públicas do período, como o Gabinete Português de Leitura. Fundado em 1837 por uma associação de emigrados portugueses, esse estabelecimento tinha o intuito de servir como um espaço de sociabilidade para os lusitanos residentes no Brasil. Ainda assim, ele aceitava frequentadores de qualquer sexo ou nacionalidade, desde que estivessem dispostos a arcar com as despesas de 12\$ de sua subscrição anual. Segundo Alexandro Paixão (2012, p. 71-72), seu público era formado sobretudo por pessoas pertencentes à classe trabalhadora da sociedade e que tivessem uma boa instrução, como comerciantes, dicionaristas, poetas e tradutores.

Seu catálogo de 1906 contém muitas das obras que passaram a fazer parte do acervo ao longo do século XIX e que estavam disponíveis para o público leitor. Nesse período, o estabelecimento já contava com uma coleção de 5.816 obras ficcionais, formada majoritariamente por livros vindos do estrangeiro e que haviam sido traduzidos para o português. A maior parte deles (4.046 ou 69%) era de origem francesa, mas havia também obras escritas originalmente em português (1.052 ou 18%), inglês (338 ou 6%), espanhol (234 ou 4%), alemão (61 ou 1%), italiano (54 ou 1%). Mais uma vez, a língua alemã não

---

<sup>23</sup> Essas traduções tinham, em francês, os títulos *Léonie ou les travestissements*, na versão de Elise Voïart publicada em 1821, e *Lydie et Franz ou les maris par échange*, em tradução de Louis Andrieux feita a partir do alemão e publicada também em 1821.

<sup>24</sup> Tradução provavelmente feita a partir da versão francesa *La grande dame et le villageois*, de Chateaulin, publicada em 1830.

<sup>25</sup> A tradução foi feita provavelmente a partir de *Henri et Amélie ou l'heritage inattendu*, versão publicada na França no ano de 1820.

tem grande destaque no acervo, mas está presente em uma quantidade aproximada à de outras línguas europeias, como o italiano ou o espanhol.

Muitas das edições adquiridas pelo gabinete são semelhantes às que foram mencionadas anteriormente. O autor de expressão alemã de maior destaque é August Lafontaine, que aparece na coleção com os mesmos 12 títulos já presentes no catálogo da Biblioteca Fluminense. Van der Velde e Pichler, que tiveram destaque na biblioteca imperial, também fazem parte do acervo: o primeiro com *A embaixada à China e Theodoro*, e a segunda com *Falkenberg ou o tio* e uma tradução para o italiano de seu romance *Agathokles*, intitulada *Agatocle ossia Lettere Scritte di Roma e di Grecia al Principio del Secolo IV* e publicada no ano de 1813 em Milão. Christoph von Schmid só aparece uma vez, com *A Roseira*.

Um fato curioso sobre o acervo do gabinete é o de que algumas obras escritas originalmente em alemão foram adquiridas em traduções francesas, como aconteceu no acervo da biblioteca imperial. Esse é o caso de *Les Dieux en Exil*, tradução de *Die Götter im Exil*, de Heinrich Heine, publicada em Bruxelas em 1853, e de todas as obras de Goethe presentes no catálogo: cinco traduções de *Werther*, saídas à luz entre 1845 e 1872, duas traduções de *Wilhelm Meisters*, publicadas em 1870 e 1872, e uma edição intitulada *Romans de Goethe*, de 1870 – todas provenientes de Paris. O mesmo acontece com as obras de Hoffmann, que aparecem em edições intituladas *Contes Posthumes d'Hoffmann* (mesmo título já anunciado no catálogo de Garnier e presente na biblioteca imperial), *L'Élixir du Diable* (tradução de *Die Elixiere des Teufels*) e três edições de *Contes Fantastiques*, publicadas entre 1844 e 1861.

A presença de tantas obras desses autores e de vários exemplares de um mesmo livro no acervo pode ser um reflexo da formação do catálogo, que buscava agradar parte do público que tinha um gosto especial por ler em francês (Paixão, 2012, p. 94-99). Como não havia, no período, tantas obras de expressão alemã traduzidas para o português, a aquisição de exemplares em língua francesa possibilitava uma diversidade maior de autores no catálogo, o que o diferenciava, por exemplo, do acervo da Biblioteca Fluminense. Essa hipótese é reforçada pela lista de alguns autores que estão presentes unicamente nesse acervo, como é o caso de Wilhelm Hauff, com *Contes allemand de Hauff* e *Contes orientaux traduits de l'allemand* – publicados em 1856 e 1877, respectivamente –, Karl Leberecht Immermann, com *La Blonde Lisbeth* (tradução não datada de *Der Oberhof*), Hermann Sudermann, com *Moulin Silencieux* (tradução de 1896 de *Die Geschichte der stillen Mühle*), Franz Lubojatzky, com *L'Atelier du Diable ou*

*Paris sous terre (Des Teufels Werkstatt oder Paris unter der Erde*, em tradução publicada em 1855 em Bruxelas) e Ida von Reinsberg-Düringsfeld, com *Niko Veliki* (tradução de 1856 de *Niko Veliki*, publicada em Bruxelas).

### **Considerações finais**

A partir dos dados analisados, é possível notar que a literatura de expressão alemã fez parte do movimento transatlântico de circulação de impressos, que permitiu que obras estrangeiras fossem traduzidas e chegassem ao Brasil ao longo do século XIX. Dentro desse circuito, esses livros e autores não estavam, certamente, entre os de maior destaque, pois a quantidade de livros de expressão alemã que chegou ao território brasileiro era muito inferior ao numeroso volume de narrativas francesas, portuguesas e inglesas que faziam parte dos gabinetes de leitura e que eram vendidas por livreiros localizados na corte.

Ainda assim, essa literatura circulou em diversos espaços e estava disponível tanto em meios aristocráticos quanto entre o público leitor mais amplo, que poderia entrar em contato com ela por meio de periódicos, em lojas de livreiros ou em bibliotecas públicas que podiam ser frequentadas mediante pagamento de uma subscrição anual. Dentro do ambiente restrito ao palácio imperial, ela também fez parte da educação do segundo imperador brasileiro, e autores como Friedrich Adolf Krummacher, Johann Gottfried Herder, Jakob Liebeskind, Caroline Pichler e August von Kotzebue ocuparam grande parte do tempo que ele dedicava ao estudo da língua alemã na década de 1830, enquanto preparava-se também para um dia assumir o trono brasileiro. Além disso, livros escritos originalmente em alemão ocupavam grande parte do acervo da biblioteca imperial, frequentado pela imperatriz Leopoldina, de origem austríaca, por Pedro II e, posteriormente, pelas filhas do imperador, as princesas Leopoldina e Isabel, que também estudaram a língua alemã durante a infância e parte da vida adulta (Aguiar, 2020).

Outro fato que merece destaque é a forma pela qual as obras de expressão alemã chegavam ao Brasil. Na biblioteca imperial, elas eram normalmente adquiridas em sua língua original, mas, entre o público amplo, chegavam especialmente a partir de traduções francesas, já publicadas em Paris ou em Bruxelas em anos anteriores. Alguns poucos textos também foram traduzidos diretamente do alemão para o português e impressos em periódicos que tentavam disseminar o gosto dessa literatura entre o público, como é o caso do *Novo Correio de Modas*, publicados pelos irmãos Laemmert, que insistiam no desejo de oferecer essas narrativas como uma alternativa à literatura francesa.

Mesmo com essa diferença, autores e obras semelhantes parecem ter circulado entre o público amplo e o aristocrático. Carl Franz van der Velde, romancista com mais obras na biblioteca imperial, também estava presente, com as traduções de suas narrativas *Die Gesandtschaftsreise nach China* e *Prinz Friedrich*, nos catálogos de Laemmert e de Garnier, além de fazer parte do acervo da Biblioteca Fluminense e do Gabinete Português de Leitura e de ter tido um de seus contos, *Der Flibustier*, traduzido e publicado no *Novo Correio de Modas* em 1852. O mesmo ocorreu com Caroline Pichler, autora feminina com mais obras na biblioteca do palácio e que também esteve presente entre os livreiros e nas bibliotecas públicas, especialmente com a tradução de *Falkenberg*. Destacam-se, ainda, os autores August Lafontaine, Johann Wolfgang von Goethe, E. T. A. Hoffmann, Christoph Martin Wieland e Christoph von Schmid.

Nota-se, assim, que a literatura proveniente do território de língua alemã, por mais que não circulasse em grande quantidade no Rio de Janeiro, esteve presente em alguns ambientes, especialmente a partir da década de 1840, quando os avanços científicos dessa parte da Europa fizeram com que o ensino do alemão passasse a ser promovido dentro das escolas públicas e com que obras com fins moralizantes ou didáticos – como os romances históricos de van der Velde, as fábulas e parábolas de Pichler e de Wieland e os livros infantis de Schmid – fossem importadas e vendidas por livreiros bastante conhecidos dentro da sociedade carioca. É possível que, nos ambientes em que penetraram, essas obras tenham colaborado para a formação de um repertório comum de leitura entre o público brasileiro, que reunia tanto os membros da aristocracia quanto a parte da elite que frequentava os estabelecimentos públicos de ensino, colaborando para a formação de uma comunidade de leitores e para a circulação de impressos no século XIX.

### Referências bibliográficas

ABREU, Márcia; VASCONCELOS, Sandra; VILLALTA, Luiz Carlos; SCHAPOCHNIK, Nelson. [s. l.]. **Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX**. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/caminhos.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ABREU, Márcia (org.). **Trajetórias do romance: circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

ABREU, Márcia; TOGNOLO, William. Dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe três. Vendido! – um estudo sobre anúncios de leilões de livros no jornal Correio Mercantil (1848-1868). **Revista Signótica**, Goiânia, v. 27, n. 1, p. 197-218, 2015.

ABREU, Márcia (org.). **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos. Campinas: Editora da Unicamp, 2016a.

ABREU, Márcia. Uma comunidade letrada transnacional: reação aos romances na Europa e no Brasil. In: ABREU, Márcia (org.). **Romances em movimento**: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas: Editora da Unicamp, 2016b.

Actas das sessões de 1891. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, tomo 54, n. 84, p. 223, 1891. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107777-revista-ihgb-tomo-liv-parte-ii.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. **Cadernos de lições**: a educação das princesas Isabel e Leopoldina nos Paços Imperiais (1850-1864). 2020. 348 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

ANASTÁCIO, Vanda (org.). **Correspondências**: uso das cartas no século XVIII. Lisboa: Colibri, 2005.

Anúncios. **Jornal do Commercio**, n. 69, p. 4, 25 e 26 de março de 1839. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_02&Pesq=Ermeler&pagfis=11103](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_02&Pesq=Ermeler&pagfis=11103). Acesso em: 11 jul. 2023.

Anúncios. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, n. 315, p. 3., nov. de 1840. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_03&pesq=Pichler&past\\_a=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=1247](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pesq=Pichler&past_a=ano%20184&hf=memoria.bn.br&pagfis=1247). Acesso em: 12 jul. 2023.

ASSUMPÇÃO, Larissa de. **Em meio a cartas e bibliotecas**: a presença de romances no Brasil e na Rússia no século XIX. 2018. 174 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2018.

ASSUMPÇÃO, Larissa; ABREU, Márcia. Nobres leitores: recepção de romances pela família imperial brasileira. **Nau Literária**: crítica e teoria da literatura em língua portuguesa, v. 17, n. 2, p. 4-29, dez. 2021.

ASSUMPÇÃO, Larissa de. Die Zirkulation und Rezeption der historischen Romane von Carl Franz van der Velde im 19. Jahrhundert. **Pandaemonium Germanicum**, v. 25, n. 47, p. 331–361, 2022.

ASSUMPÇÃO, Larissa de. **O monarca leitor**: a formação literária e as práticas de leitura do imperador Pedro II. 2023. 406 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2023.

ASSUMPÇÃO, Larissa; ABREU, Márcia. Os romances da realeza: a presença de obras ficcionais na biblioteca da Família Imperial Brasileira. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional (no prelo).

BESSONE, Tania. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro: 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

CAMPOS, Joaquim Pinto de. **O Futuro**, Rio de Janeiro, 1862. *Apud* A Coleção do imperador. **Jornal das Exposições da Pinacoteca do Estado**, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em:

[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon983853/icon983853.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon983853/icon983853.pdf).

Acesso em: 20 jul. 2023.

CASANOVA, Pascale. **A República mundial das Letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

**Catálogo da livraria de B. L. Garnier, n. 1**. Rio de Janeiro: 1872. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpessos.iel.unicamp.br/index.php?cd=9&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2023.

**Catálogo da livraria de B. L. Garnier, n. 2**. Rio de Janeiro: Typographia do Apostolo, 1873. Disponível em:

<http://www.circulacaodosimpessos.iel.unicamp.br/index.php?cd=9&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2023.

**Catálogo da livraria de B. L. Garnier, n. 23**. Rio de Janeiro: [s.d.]. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpessos.iel.unicamp.br/index.php?cd=9&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2023.

**Catálogo das obras de fundo e outros livros que se acham à venda na Livraria Universal de Laemmert e Cia**. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1899. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpessos.iel.unicamp.br/index.php?cd=9&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2023.

**Catálogo de excellentes livros em portuguez a maior parte desconhecidos no Brasil e novamente checados em casa de Eduardo Laemmert mercador de livros**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1834. Disponível em:

<http://www.circulacaodosimpessos.iel.unicamp.br/index.php?cd=9&lang=pt>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

**Catálogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tipografia Do Jornal do Comércio de Rodrigues & C, 1906.

**Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense**. Rio de Janeiro: Typographia Thevenet & C. Rua d'Ajuda, 1866.

**Catálogo dos livros em portuguez publicados e à venda na Livraria Universal dos editores-proprietarios Eduardo e Henrique Laemmert**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1847.

**Catálogo n. 7 das obras de literatura, novelas, romances, historietas, comédias, dramas, livros de divertimento e recreio das sociedades e outras obras de entretenimento em português à venda na Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert.** Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1868.

Disponível em:

<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=9&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2023.

**Catalogue de la librairie de B.L. Garnier à Rio de Janeiro, n. 10.** Rio de Janeiro: 1857.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar & botequim.** Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A casa do imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional.** 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

DONEGÁ, Ana Laura. **Publicar ficção em meados do século XIX: um estudo das revistas femininas editadas pelos irmãos Laemmert.** 2013. 350 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

ERMELER, C. F. **Leçons de Littérature Allemande: nouveau choix de morceaux en prose et en vers, extraits des meilleurs auteurs allemands a l'usage des écoles de France et des personnes qui étudient la langue allemand/Deutsches Lesebuch für Frankreichs Schulen:** in Auszügen aus den beliebtesten Musterschriftstellern der Deutschen. Paris: Baudry, 1829.

**Folhinha de Utilidade Pública para o ano de 1849.** Rio de Janeiro: Livraria de Agostinho de Freitas Guimarães e Cia, 1849.

FÜRST, Rudolf. **August Gottlieb Meißner: eine Darstellung seines Lebens und seiner Schriften mit Quellenuntersuchungen.** Stuttgart: G. J. Göschen'sche Verlagshandlung, 1894.

GITTEL, Benjamin. An institutional perspective on genres: generic subtitles in German literature from 1500-2020. **Journal of Cultural Analytics**, v. 6, n. 1, p. 1-38, abr. 2021.

GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania (org.). **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

GRANJA, Lúcia. Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros). In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos.** Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

GOMIDE, Bruno Barretto. **Da Estepe à Caatinga: o romance russo no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2011.

HABITZEL, Kurt; MÜHLBERGER, Günter. The German Historical Novel from 1780 to 1945: Utilising the Innsbruck Database. In: DURRANI, Osman & PREECE, Julian (org.). **Travellers in time and space: the German historical novel**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2001.

HABITZEL, Kurt; MÜHLBERGER, Günter. Gewinner und Verlierer: der historische Roman und sein Beitrag zum Literatursystem der Restaurationszeit (1815-1848/49). **Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur**, 1996.

HEIMANN, A. **Ermeler's Deutsches Lesebuch enlarged and improved, by the addition of explanatory notes, adapted to the use of English Students**. Londres: D. Nutt, 1844.

JÄGER, Georg; RUDEK, Valeska. Die deutschen Leihbibliotheken zwischen 1860 und 1914/18. Analyse der Funktionskrise und Statistik der Bestände. In: DIMPFL, Monika; JÄGER, Georg (org.). **Zur Sozialgeschichte der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert**. Teil 2. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.

JORDAN, Stefan. Pichler, Caroline. **Neue Deutsche Biographie**, v. 20, p. 411-412, 2001. Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/sfz95796.html#ndbcontent>. Acesso em: 15 jul. 2023.

KANN, Bettina. Apontamentos sobre a infância e a juventude de Leopoldina. In: KANN, Betina & LIMA, Patrícia Souza (org.). **D. Leopoldina: cartas de uma imperatriz**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2011.

Litteratura Allemã: o Barão von Zedlitz. **Novo correio de modas: novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas**, n. 18, p. 44-46, primeiro semestre de 1853. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700053&Pesq=Flibusteiro&pagfis=747>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LYONS, Martyn. **Reading culture and writing practices in nineteenth century France**. Toronto: University of Toronto Press, 2008.

MANÇANO, Regiane. **Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais**. 2010. 319 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances-folhetins sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas. In: ABREU, Márcia (org.). **Trajatórias do Romance: circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLLIER, Jean-Yves. Uma livraria internacional no século XIX, a livraria Garnier Frères. In: GRANJA, Lúcia; DE LUCA, Tania (org.). **Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800 - 1900**. São Paulo: Boitempo, 2003.

MORETTI, Franco. **Graphs, maps, trees: abstract models for a Literary History**. London/New York: Verso, 2005.

NISBET, Hugh Barr. **Gotthold Ephraim Lessing: his life, works and thought**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

O flibusteiro ou o pirata das Antilhas. **Novo correio de modas: novelas, poesias, viagens, recordações históricas, anedotas e charadas**, n. 6, p. 10, segundo semestre de 1852. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700053&Pesq=Flibusteiro&pagfis=294>. Acesso em: 25 jul. 2023.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado. 2012. 317 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. O gosto literário pelos romances no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia (org.). **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Ática, 1996.

PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna (org.). **Deslocamentos e mediações: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.  
POTTHAST, Barbara. **Die Ganzheit der Geschichte: Historische Romane im 19. Jahrhundert**. Göttingen: Wallstein Verlag, 2007.

**Relatorio apresentado à Assembleia Geral Legislativa na sessão ordinaria de 1840**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1840. p. 12. Disponível em: [http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968\\_1839\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/720968/per720968_1839_00001.pdf). Acesso em: 22 jul. 2023.

ROBERTSON, Ritchie. The complexities of Caroline Pichler: conflicting role models, patriotic commitment, and *The Swedes in Prague* (1827). **Women in German Yearbook**, v. 23, 2007.

ROCHA, Débora Bondance. **Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro: um ambiente para leitores e leituras de romances (1833–1856)**. 2011. 347 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

RODRIGUES, Rafael Pinto. **A educação literária no colégio de Pedro Segundo (1838-1854)**. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial. *In*: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

SOETHE, Paulo Astor. Weltweit vernetzt: digitale Erforschung germanistischer Bestände in Brasilien. **Jahrbuch für Internationale Germanistik**, ano 50, v. 2, pp. 83-94, 2018.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Romances ingleses em circulação no Brasil durante o século XIX**. [S.l.]. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandraleiv.htm>. Acesso em: 25. fev. 2023.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Formação do romance brasileiro: 1808-1860** (vertentes inglesas). [s.l.], 2002. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Sandra/sandraleiv.htm>. Acesso em: 25. fev. 2023.

WYLER, Lia. O romance-folhetim e o teatro. *In*: WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. **Goethe além do nacional: conversações entre Leipzig e Bahia**. Cadernos de Tradução, v. 41, n. 3, p. 319-337, 2021.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. Romance brasileiro em tradução alemã: O Guarany e Innocência, produto nacional e best-seller no longo século XIX. *In*: ABREU, Márcia (org.) **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 159-188, 2016.

Recebido em: 31/07/2023.

Aceito para publicação em: 06/09/2023.